

# Representação material da violência contra as mulheres negras a partir da escrita evaristiana

Fabiana dos Santos Sousa\* 

## Introdução

Para compreender a violência praticada contra os/as negros/as no Brasil é necessário, antes, entender sua gênese, que se encontra no período escravocrata, comandado pelos europeus que, visando a expansão econômica europeia, utilizaram-se de violências como instrumento de poder. Hoje, quase dois séculos após o estabelecimento da Lei Áurea, que proibiu a escravização de negros, as graves consequências desse processo na vida dos negros são ainda facilmente observáveis.

Nesse contexto, a obra de Conceição Evaristo retrata bem tais consequências, na medida em que tenta representar o árduo cotidiano desses indivíduos na contemporaneidade, com especial atenção para as mulheres. A autora destaca as discriminações (racial, de gênero e de classe), a fome, o trabalho nos subempregos, as violências (física, verbal, sexual e psicológica) sofridas por elas, bem como a resiliência destas diante desses problemas. E para evidenciar tudo isso, Evaristo se utiliza de uma linguagem cruenta para construir o discurso que compõe suas narrativas literárias, o que será mostrado na análise a seguir.

## Representação da materialidade da violência praticada contra mulheres afrodescendentes

No que se refere à interseccionalidade da violência, Kimberlé Crenshaw afirma que usa “the concept intersectionality to denote the various ways in which race and gender interact to shape the multiple dimensions of Black women’s employment experiences.” (CRENSHAW, 2004, p. 1244). O que a autora quer dizer é que há padrões sociais de discriminação e estes atuam separadamente, porém, essas discriminações, muitas vezes, imbricam-se de tal forma que acabam por fazer as mulheres negras vivenciarem experiências não visíveis pela estrutura social discriminatória. Nesse sentido, a violência contra as mulheres se tornou algo rotineiro no Brasil, e para as que são negras a situação é ainda pior, visto que são duplamente violentadas, por serem mulheres e pretas. Estudos apontam que elas são as que mais sofrem violência no Brasil.

Nesse sentido, Conceição Evaristo tenta retratar essa cruel realidade vivida por essa classe marginalizada socialmente neste país. Para isso, usa a linguagem para apresentar sua visão do mundo,

---

\* Doutorado em Letras-Literatura pela Universidade de Coimbra (UC), Coimbra, Portugal. Professora de Língua Portuguesa da Rede Estadual de Ensino do Piauí (Seduc) na Prefeitura de Teresina, Piauí, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1386-345X>. E-mail: [fabianafagnifica@yahoo.com.br](mailto:fabianafagnifica@yahoo.com.br)

dado que “a percepção de mundo pode então ser compreendida através da linguagem [...], visto que esta transporta visões de mundo, como também é a própria expressão da pluralidade de olhares lançada pelos agentes sociais.” (GIORDANI, 2011, p. 2). Do mesmo modo, ela é

a forma de circulação das ideias no mundo social. Vemos que ideias, crenças e práticas simbólicas, em geral, estão vinculadas ao processo de legitimar relações assimétricas de poder e estão permeando todas as práticas sociais e atividades da vida cotidiana que tendem a naturalizar o *status quo* existente.” (TRAVERSO-YÉPEZ, 1999, p. 51).

Nessa lógica, Evaristo, por meio da linguagem, faz circular, na sociedade brasileira, outros pensamentos, crenças e práticas culturais e simbólicas que representam os indivíduos de origem africana, desnaturalizando, dessa forma, o *status quo* social presente, a saber, aquele que representa apenas os eurodescendentes. Ou seja, ela apresenta outra face da realidade do Brasil que é vivenciada pela maior parte da população, os marginalizados, principalmente negros, aquela que convive constantemente com a pobreza e a violência. E ela o faz a partir da condição de mulher e descendente de escravizados – seu lugar de fala.

A título de exemplo, cito o conto “Maria”, do livro *Olhos d'água*, através do qual Evaristo (2016) narra, detalhadamente, o cotidiano da personagem Maria que, ao voltar para casa, depois de mais um dia de trabalho, como empregada doméstica – levando os restos de comida para os filhos, pois houve festa na casa da patroa –, é acusada, injustamente, de ser cúmplice de um assalto que houve no ônibus, meio de transporte público usado por ela para deslocar-se. E tudo porque o assaltante era pai de um dos seus filhos, pessoa que ela não via há muito tempo. Encontraram-se no coletivo por acaso e ele pagou sua passagem e sentou-se ao seu lado. “Como vai o menino?” (EVARISTO, 2016, p. 40), perguntou ele. Minutos depois, é anunciado o assalto.

Após os assaltantes se retirarem, alguém gritou: “*aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões*” (EVARISTO, 2016, p. 41), referindo-se à Maria. Ao analisar as palavras usadas pela escritora para construir o discurso do personagem agressor, identifiquei: o termo “puta”, conforme o dicionário Houaiss (2015), significa prostituta; já “safada”, é pessoa sem-vergonha, descarado(a), que leva uma vida devassa; libertino(a). Por que essa pessoa se referiu à Maria como tal, se ela é uma mulher que trabalha honestamente, como doméstica, para sustentar os filhos e a si? Por que ele carrega consigo a carga ideológica, que ainda permeia no contexto social do Brasil, que defende a ideia de que mulheres negras são promíscuas, perigosas e por isso levam uma vida de libertinagem?

Explicação plausível para essa imagem negativa, de libertina, “puta”, “safada”, que as mulheres negras carregam consigo pode estar no próprio contexto do período escravagista. Neste, houve a associação delas à sensualidade e ao prazer sexual, o que as levaram à condição de objeto sexual dos seus senhores. E por carregarem essa sensualidade eram culpadas pela violência sexual que sofriam na condição de escravizadas. A socióloga Sonia Maria Giacomini (1988) traz em seu livro, *Mulher e escrava: uma introdução histórica ao estudo da mulher no Brasil*, o depoimento de um estrangeiro, Schlichthorst (*apud* MOTT, 1979, p. 64), que esteve no Brasil nesse período:

Doze anos é a idade em flor das africanas, nelas há de quando em quando, um encanto tão grande que a gente esquece da cor... Lábios vermelhos-escuros e dentes alvos convidam ao beijo. Dos olhos se irradia um foco tão peculiar e o seio arfa em tão ansioso desejo que é difícil resistir a tais seduções. [...] Por que deveria eu me deixar influenciar pela soberba européia e negar um sentimento que não se originava em baixa sensualidade, mas no puro agrado causado por uma obra prima da criação? (*apud* GIACOMINI, 1988, p. 67).

É conspícuo, pela citação, que o corpo das mulheres negras era tido como objeto tentador do homem branco que o coloca como sedutor a ponto de fazer com que os indivíduos masculinos fossem atraídos de tal forma que até esqueciam sua cor preta, que para eles era repudiante, e fazia-lhes reféns daquela sedução. E eram “descritas como negras e mulatas de boas coxas, bons dentes, peitos salientes, flexíveis” e “as regiões corporais comumente identificadas a seu poder de sedução: nádegas, dentes, orelhas, faces etc.” (GIACOMINI, 1988, p. 76-79).

Esse era o pensamento do período da escravatura. E, atualmente, mudou? Hodiernamente, as mulheres brasileiras vivem o terror de serem estupradas cotidianamente. Em 2021, ocorreu, no Brasil, um estupro a cada 10 minutos, segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) (PORTAL G1, 2021). E o pior é que muitas pessoas pensam que é o comportamento feminino que influencia o estupro, afirma pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) ao apontar que 58,5% concordam, total ou parcialmente, que haveria menos estupro, se as mulheres soubessem se comportar – de acordo com matéria publicada pelo *G1*. Isso mostra que a ideia machista que coloca as mulheres como próprias responsáveis pela violência sexual que sofrem persiste no pensamento social brasileiro.

Voltando à análise do conto “Maria”, é notável que a autora usa o itálico para destacar o grito que foi entoado: “*Aquela puta, aquela negra safada*”. Creio ser essa uma estratégia discursiva utilizada por ela, tanto para aguçar a nossa imaginação, enquanto leitores, acerca da violência da cena narrada quanto para ajudar a pessoa que lê a visualizar melhor, mesmo que mentalmente, tal cena e, com isso, chocá-la, fazendo com que esta perceba que essa ficção muito tem a ver com a realidade em que está inserida.

Em continuação: “Quando chegou a polícia, o corpo da mulher estava todo dilacerado, todo pisoteado” (EVARISTO, 2016, p. 42). Evaristo utiliza uma linguagem tão violenta quanto a própria situação que encena, isso pode ser interpretado, além de estratégia discursiva, como uma tática de materialização da violência através do discurso literário.

Na ocasião, Maria não teve nem ao menos a chance de defender-se, não disse uma só palavra. Até tentou, mas continuaram as agressões, até então, verbais: “negra safada” (EVARISTO, 2016, p. 41). Esta acompanhada de uma dose de racismo. Em seguida, “um tapa no rosto da mulher” (EVARISTO, 2016, p. 42), que é espancada pelos passageiros até a morte.

Para melhor fundamentar minhas ideias em relação ao discurso usado por Evaristo, partirei do conceito de que todo discurso é carregado de ideologia, de Michel Pechêux (1975). Seguindo a lógica desse estudioso, Maria não foi xingada à toa, já que esse discurso foi produzido dentro das “condições de produção”, isto é, dentro de um contexto sócio-histórico-ideológico brasileiro, que é impregnado

pelo racismo. É este contexto que permite dizer o que dizemos com o sentido construído dentro e pelas “condições de produção”, que determinam como os efeitos de sentidos são produzidos, segundo Orlandi (2015). Assim sendo, “Negra”, “Putá” e “Safada” têm uma carga ideológica extremamente negativa/pejorativa, carga esta que se faz presente na “memória discursiva” social, que é “o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-constituído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra” (ORLANDI, 2015, p. 29) e por isso a utilização desse discurso. É o discurso do preconceito (de gênero/raça/classe) que predomina na construção dessa narrativa, uma vez que Maria é mulher, negra e pobre.

O fato de Maria pertencer à classe de indivíduos pobres também contribuiu fortemente para a situação por ela vivenciada, visto que

A faixa de rendimento domiciliar *per capita* é um dos fatores que mais influenciam na vulnerabilidade de mulheres à violência. As mulheres que estão na faixa salarial de até 1 salário mínimo (SM) são as que possuem as maiores incidências de agressões físicas, especialmente as mulheres negras. (ENGEL, 2024, p. 12).

A pesquisadora Cíntia Liara Engel, em realização de pesquisa para o Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), mostra que um dos motivos que mais colocam as mulheres num contexto de violência é o fato de viverem em situação financeiramente precária e tal situação é mais comum entre mulheres negras que representam a maioria nessa condição.

No que se refere à violência racial evidenciada na obra em estudo, pode-se dizer que o discurso estereotipado foi proferido e direcionado à Maria porque há um saber discursivo, construído nas relações de poder, que permeiam a nossa sociedade, que vê as mulheres pretas como lascivas, o que é uma desobediência ao modelo normatizado de mulher. Dessa forma, por estarem em discordância com esse modelo de sujeito feminino, as mulheres negras são vítimas das primeiras práticas de preconceito. Na materialidade discursiva, Maria foi marginalizada a partir de concepções equivocadas, criadas nas “condições de produção” do período escravagista, que teve como base o racismo e o desrespeito à sua sexualidade.

Ainda, outra coisa que desperta minha atenção no conto “Maria” é a descrição da personagem protagonista: empregada doméstica que leva os restos de comida para casa, para a qual retorna de transporte público depois de esperar algum tempo por este no ponto de espera. Tal descrição evidencia sua condição de membro da classe trabalhadora. Esse é um detalhe que deve ser levado em conta, uma vez que é decisivo para melhor compreendermos a desumana experiência vivida por Maria, pois estamos a falar de uma Maria que não é igual a outras inúmeras Marias também pertencentes a nossa sociedade, mas de classes diferentes. É preciso deixar claro que são mulheres, no plural, em diferentes contextos sociais, dado que a Maria da classe trabalhadora é bem diferente da Maria burguesa, por exemplo. Giacomini (1988, p. 17) explica bem isso.

Os mais fecundos estudos sobre a mulher têm insistido no fato de que é impossível compreender sua posição e papel na sociedade contemporânea sem levar em conta a situação de classe.

Não existe “a mulher”, geral e abstrata, mas mulheres concretas, inseridas em classes sociais historicamente determinadas. Se é certo que em todas as classes de nossa sociedade a mulher é oprimida, não se pode, no entanto, esquecer que a intensidade e, sobretudo, a natureza dessa opressão são diferenciadas.

O fato de Maria, protagonista do conto “Maria”, pertencer à classe dos desprivilegiados socialmente colabora para o papel social que ela exerce e para que sua opressão seja ainda mais intensa, já que ela compõe o grupo dos sem voz e sem vez neste país, daqueles em que os direitos se restringem apenas ao papel. Assim, Maria possui a chamada cidadania “de papel”, isto é, ela é “O cidadão de papel”, designado por Gilberto Dimenstein (2019) em sua obra de mesmo nome. A classe à qual Maria se encontra é decisiva para a opressão que ela sofreu.

Esse conto lembra as narrativas que retratam o tratamento dado aos negros no Regime Escravagista, principalmente a parte em que ela leva os restos de comida que sobraram da festa da patroa, o que fará a alegria dos filhos. Compreendo resto de comida como sendo lavagem, ou seja, comida para porcos (“O osso, a patroa ia jogar fora” [EVARISTO, 2016, p. 39]), que não são seres humanos, mesma condição dada aos negros/as durante a escravidão. Cabe aqui um questionamento: mas se a escravidão acabou há mais de cento e trinta anos, como explicar realidade tão semelhante vivida por negros/as hodiernamente?

Outra análise a se fazer dessa narrativa é o fato de Maria sair da casa da patroa, provavelmente zona nobre da cidade, depois de trabalhar um dia inteiro (lavando, passando, cozinhando, enfim, servindo) e ir para sua casa (barraco), provavelmente na zona periférica. Tal cena nos permite, novamente, fazer uma analogia com a situação das negras no período escravocrata: elas serviam à casa grande (da patroa/zona nobre) realizando tarefas semelhantes às de Maria e retornavam à senzala (barraco/favela). E, da mesma forma, muitas escravizadas eram impedidas de chegar à senzala porque eram vítimas de violências, seja por qual motivo fosse, e morriam, como Maria. Por quem? Por quem se sentia no direito – já que era superior em gênero, raça e classe – de agir violentamente contra uma subalternizada. É coincidência tamanha semelhança ou a mudança se deu apenas na nomeação (de escrava para empregada doméstica, senzala para barraco/favela, casa grande para mansão/bairro nobre)?

Em sequência à análise, a consequência sangrenta, literalmente, vem à tona quando começa o “*Lincha! Lincha! Lincha!*” (EVARISTO, 2016, p. 42). A repetição coral deste imperativo é uma manifestação da violência racial no inconsciente coletivo. E “Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos” (EVARISTO, 2016, p. 42), e este sangue é mais uma representação da materialização própria da violência física sofrida por ela. Ao som do “*Lincha! Lincha! Lincha!*” Maria foi torturada e morta por decisão coletiva. E sem direito a julgamento. E sem ser criminosa. Lembra ou não lembra as inúmeras formas de violência do período da escravidão legitimada? A repetição do termo *Lincha* e sua escrita em itálico parece deixar tangível a violência impiedosa da qual Maria foi vítima, o que configura mais uma estratégia discursiva utilizada pela escritora na construção da obra.

O que aconteceu depois? Os “capatazes” (policiais) chegaram e livraram-se do corpo. Justiça para quê/quem? Quem vai se importar com a morte de uma “não-humana”? Percebe-se nessa cena a noção de precariedade de certas vidas, destacada por Judith Butler, que diz:

Quando consideramos as formas comuns de que nos valem para pensar sobre humanização e desumanização, deparamo-nos com a suposição de que aqueles que ganham representação, especialmente autorrepresentação, detêm melhor chance de serem humanizados. Já aqueles que não têm oportunidade de representar a si mesmos correm grande risco de ser tratados como menos que humanos, de serem vistos como menos humanos ou, de fato, nem serem mesmo vistos. (BUTLER, 2011, p. 24).

Maria foi espancada e pisoteada até a morte como um bicho feroz que representava um mal à sociedade e, por isso mesmo, deveria ser morta sem nenhuma justificativa. Maria não é representada e muito menos autorrepresentada socialmente, o Outro fala por ela e fá-lo através de um discurso que a desumaniza.

Retomando a ideia de Butler, a autora usa a noção de rosto, de Emmanuel Levinas, para discutir a problemática da representação de indivíduos. Há uma produção de rosto, pelo discurso midiático, por exemplo, que leva à humanização e, de modo igual, à desumanização e, conseqüentemente, à precariedade da vida desses rostos. Para ilustrar isso, a filósofa cita os rostos de Bin Laden e Saddam Hussein, enquadrados/emoldurados pela imprensa como os próprios rostos do terror e da tirania, ocorrendo aí uma personificação, sendo esta também desumanizadora.

Maria, personagem do conto em análise, igualmente, é um rosto produzido socialmente, rosto este que tem uma representação negativa: Maria é o rosto das descendentes de africanos, tidos como seres inferiores, da mulher-objeto sexual, do mal (que tem relações com ladrões), da “negra”, “puta” e “safada”, da miséria. Essa carga de estereótipos negativos é personificada pelo rosto de Maria, o que faz com que muitos não se identifiquem com ela e, por isso, desejem sua destruição, levando sua vida à precariedade. “E, nesse sentido, podemos dizer que o rosto é, em cada ocasião, desfigurado.” (BUTLER, 2011, p. 26). Maria tem seu rosto desfigurado quando o deslocam de um rosto de uma mulher que vive honestamente trabalhando para criar os filhos para aquele exposto anteriormente. Assim, o rosto de Maria é desfigurado literal e socialmente.

Em se tratando especificamente da violência de gênero, esta é também retratada por Conceição Evaristo em sua obra. Em *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2016a), a autora narra a estória de Lia Gabriel, também nome de um dos vários contos que compõem o livro. Lia é mãe de três filhos, duas gêmeas e um menino, é solteira e trabalha consertando eletrodomésticos. Antes, ela trabalhava em uma escola, mas teve que deixar porque Gabriel Máximo, seu filho, é esquizofrênico, o que é consequência do espancamento que a mãe sofreu com o menino no colo, por parte do marido, quando ainda era casada. Os detalhes não são poupados:

Era uma tarde de domingo, Lia estava com as crianças sentadas no chão, quando o marido chega “pisando grosso” (EVARISTO, 2016a, p. 101) perguntando pelo almoço. A mulher responde que está no micro-ondas e é só ligar para esquentá-lo. Instantes depois, o esposo, como um “cão raivoso” (EVARISTO, 2016a, p. 101), “avançou” (EVARISTO, 2016a, p. 101) sobre Lia, arrastando-a para a área de trabalho, onde abriu uma torneira, tapou a boca dela e “enfioi” (EVARISTO, 2016a, p. 101) sua cabeça debaixo d’água, enquanto lhe “dava fortes joelhadas por trás” (EVARISTO, 2016a, Evaristo, 2016a, p. 101). As crianças choravam desesperadamente. Em seguida, “jogou” (EVARISTO, 2016a, p. 102) a esposa no quartinho,

ordenou-lhe que tirasse a roupa e começou a batê-la com um cinto “chicoteando-[a]”. Tudo isso em frente às suas duas filhas crianças. Foi à sala, pegou o menino e voltou “arremessando” a criança sobre Lia e “nova sessão de torturas” (EVARISTO, 2016a, p. 102) começa. Nesse momento, uma das chicotadas pegou no bebê, que chorava. Lia oferece suas costas e suas nádegas para proteger o filho. Foi tanto sofrimento que a mulher não soube dizer quanto tempo durou. Enfim, ele saiu. No final, em mais uma consulta do menino, ela descobre que o “monstro” (EVARISTO, 2016a, p. 103) contra o qual ele sempre luta querendo matar é o pai. Assim, a esquizofrenia foi causada por essa terrível experiência de violência sofrida por ele e pela mãe naquele dia.

Para entender a violência que assola as mulheres, no Brasil, atualmente, é preciso saber como esta surgiu. A ideia de dominação dos homens em relação às mulheres veio junto com o processo de colonização, pois, antes, era observado, pelo menos em algumas comunidades indígenas, um *status* mais elevado às nativas. Segundo João Azevedo Fernandes (2016), não é aceitável considerar a visão unicamente masculina da sociedade Tupinambá, por exemplo, como quiseram os europeus em seus escritos androcêntricos. O autor declara que cartas, como a do Jesuíta Antônio Blázquez, escrita em 1557, a de Yves d'Evreux e a do padre Francisco Pires revelam a relevância da mulher tupinambá, em sociedades indígenas, devido à sua sabedoria. Esta que, a meu ver, foi adquirida, talvez, junto aos demais que compõem a comunidade a qual pertencem. Digo isso baseada no fato de que, segundo a especialista em Educação, Maria Inês Sucupira Stamatto (2002), em seu artigo *Um olhar na história: a mulher na escola (Brasil: 1549-1910)*, quando foi criada a primeira escola no Brasil, para ensinar a ler e a escrever, para os indígenas, foi estabelecido que somente homens receberiam tais instruções. Na ocasião, os nativos homens reivindicaram a extensão destas também às suas filhas, o que representa mais um fato que nos faz observar o *status* diferenciado que tinham essas mulheres onde viviam.

Retomando a ideia da violência de gênero sofrida pela protagonista do conto “Lia Gabriel”, de início, vale ressaltar que a violência, de modo geral, está intrinsecamente ligada ao poder. Embora o caso relatado nesse conto possa ser designado de violência doméstica, vou usar apenas a terminologia violência de gênero, pois, pelas leituras que fiz, aquela é uma espécie desta. E não é objetivo meu tratar dos conceitos de uma e outra, mas, apenas, discutir sobre a prática desta contra as mulheres. No caso de Lia e o marido, há uma ordem social simbólica, fruto do sistema patriarcal que rege as sociedades, que visa legitimar a dominação masculina.

A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo seu lugar de assembléia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa reservada às mulheres; ou, no interior desta, entre a parte masculina, com o salão, e a parte feminina, com o estábulo, a água e os vegetais; é a estrutura do tempo, a jornada, o ano agrário, ou o ciclo da vida, com momentos de ruptura, masculinos, e longos períodos de gestação, femininos. (BOURDIEU, 2007, p. 18).

Embora com rupturas, uma vez que as mulheres têm alcançado conquistas ao logo dos séculos, acredito que essa ordem social, destacada por Pierre Bourdieu, ainda exista no Brasil, o que quer dizer

que a própria organização da sociedade foi planejada de forma a reafirmar a autoridade de um sexo sobre o outro – masculino sobre o feminino – sem que muitos dos indivíduos pertencentes a este último compreendam inteiramente o porquê da sua marginalização diante daquele, já que todos os espaços sociais estão estruturados de forma a colocar o ser dito feminino em submissão ao dito masculino. Isso me leva a confirmar as relações de poder que alicerçam a construção das sociedades.

Nessa linha de pensamento, Bourdieu afirma que as posições sociais são determinantes para afirmar a superioridade de um indivíduo sobre o outro.

A posição de um determinado agente no espaço social pode assim ser definida pela posição que ele ocupa nos diferentes campos, quer dizer, na distribuição dos poderes que actuam em cada um deles seja, sobretudo, o capital económico, o capital cultural e o capital social e também capital simbólico. (BOURDIEU, 2009, p. 134).

Considerando o que diz o sociólogo francês sobre a posição de uma pessoa depender dos diferentes capitais de que ela dispõe, as mulheres estão em desvantagem, quando comparadas aos homens, uma vez que a maioria delas não dispõe de todos esses capitais e muitas de nenhum destes. Isso porque, no que concerne ao âmbito do capital cultural, por muitos séculos, elas foram proibidas de receberem instrução formal, o que, conseqüentemente, impediu-as de munirem-se dos capitais econômico, social e simbólico.

A esse respeito, tomo mais uma passagem do conto *Lia Gabriel*, aquela que retrata a chegada do marido em casa e encontra Lia a brincar com as crianças citada anteriormente. Tal cena me faz pensar que a personagem protagonista representa mais uma daquelas mulheres que se dedicam a cuidar da casa, do marido e dos filhos, ou seja, que vivem restritas ao ambiente privado, enquanto o marido está fora a trabalhar, isto é, no espaço público onde se adquire o poder econômico. Dessa forma, Lia não tem poder algum dentro de casa e menos ainda fora desta, assim, encontra-se submissa ao marido, que é quem possui os capitais necessários que o tornam superior. Desse modo, desprovida de tais poderes, ela não é digna de respeito e nem de reconhecimento perante o marido e a sociedade.

Embora inúmeras mulheres já conquistaram emancipação financeira, visto que, ao longo dos séculos, conseguiram ocupar um significativo espaço no mercado de trabalho brasileiro, eles ainda são maioria, é o que apontam dados divulgados pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), em 2018, ao informar que mulheres têm mais dificuldades de encontrar um trabalho do que homens e isso vem piorando, pois enquanto a taxa de desemprego para homens é de 5,2%, para mulheres é de 6%. Além disso, homens ainda têm os salários mais altos em todos os cargos, é o que indica estudo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e divulgado em 2018, informando que mulheres ganham em média 20,5% menos que os homens no Brasil (TREVIZAN, 2018).

Os resultados dessas duas pesquisas mostram que determinantes para a persistência da violência contra a mulher – como menor poder aquisitivo e menor ocupação desta – ainda se fazem fortemente presentes no Brasil, o que me permite compreender que essa nação está longe de alcançar o progresso e ainda caminha sob os ideais colonizatórios. Mas isso não é natural, claro, há toda uma estrutura



social que sustenta a continuação das ideias patriarcais, como a perpetuação dos discursos misóginos mostrados anteriormente e a ausência de políticas públicas mais eficientes que garantam a presença das mulheres no mercado de trabalho mesmo sendo mães, dado que muitas, nos dias hodiernos, abdicam disso para cuidar dos filhos, do lar e do marido. Eu mesma posso citar exemplos.

Considerando o ambiente familiar, espaço onde Lia é severamente agredida pelo marido, observa-se que este também foi constituído de forma a colocar a esposa numa posição de inferioridade em relação ao marido. Nessa perspectiva, o patriarcalismo criou a ideia de que o homem deve ter o controle de tudo, inclusive da família, o que inclui a mulher, isso porque este defende a ideia da “inaptidão radical do sexo feminino para o governo, mesmo da simples família.” (COMTE *apud* PERROT, 1988, p. 178). Nesse sentido, observa-se que o marido de Lia tem internalizado tal pensamento, uma vez que ele se acha no direito de agredir brutalmente a esposa, afirmando seu poder no espaço familiar. A razão? Não é exposta no texto, o que penso ser intencional da escritora, visto que não há justificativa para tamanha agressão contra aquela que é sua companheira e a criança deles. Entretanto, isso pode ser explicado pelo machismo que persiste fortemente neste país.

Seguindo com a análise: o “cão raivoso” “avançou” sobre Lia. Nesse trecho do relato, o discurso usado por Evaristo para descrever a cena das torturas praticadas contra Lia é bastante rude. Ao designar o homem de “cão raivoso”, a autora parece querer tornar mais intensa a ferocidade com que ele avançou sobre a mãe dos seus filhos. Avançar no sentido de “atacar”. Ora, o que fazem os cães raivosos senão atacar mesmo quem não lhes representa ameaça? E continua a sequência de ações violentas: arrastou, enfiou, ordenou e chicoteou. Todos esses verbos evidenciam ações de extrema violência e superioridade de quem as pratica, por isso, penso terem sido escolhidos minuciosamente para representar as agressões efetuadas – o que não deixa de ser mais uma estratégia discursiva usada pela escritora para denunciar a violência sofrida pela personagem feminina negra.

Como um animal selvagem que precisa ser domado, o domador (marido) ordena o bicho (esposa), não busca comunicar-se com ele de maneira mais amigável. Não. Quer logo é mostrar sua superioridade através de ordens e agressões. E mesmo o “bichinho” atendendo sem revidar, o “cão raivoso” continua a agir violentamente e o chicoteia.

E “nova sessão de torturas” começa. Percebo uma dose de ironia quando Evaristo usa “sessão” com três “s”, dado que me leva a imaginar e visualizar um público reunido para assistir a um determinado espetáculo, semelhante àqueles espetáculos de gladiadores e *gladiatrix/ces* na Roma Antiga. Estaria a autora ironizando o fato de isso está a ser tratado como espetáculo, no Brasil, já que diariamente a mídia sensacionalista mostra cenas desse tipo e a maioria dos homens que cometem tal crime contra mulheres ficam impunes? E é um espetáculo tão rotineiro que está a tornar-se algo normal infelizmente. Isso me leva a compreender o uso da figura de linguagem ironia como mais uma estratégia utilizada pela autora para construir o discurso que compõe a obra em estudo.

Conceição Evaristo, através da personagem Lia Gabriel, denuncia a mais cruel e mais evidente manifestação da desigualdade de gênero em nossa sociedade. Lia representa os milhões de brasileiras vítimas da violência contra a mulher que, neste país, é maior do que a taxa mundial. É o que afirma

pesquisa realizada pelo Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC [sigla em inglês]), em 2019, apontando que, enquanto a taxa mundial de homicídios femininos foi de 2,3 mortes para cada 100 mil mulheres, em 2017, no Brasil, foi de 4 mortes, em 2018, ou seja, 74% maior.

A denúncia da autora é feita por meio de um discurso minuciosamente selecionado, penso eu, para deixar mais perceptível ao leitor os atos violentos do marido sobre a esposa e chamar sua atenção. Por exemplo, quando ela diz que o companheiro de Lia chegar “pisando grosso”. Sempre ouvi do meu pai, do meu avô, tios e outros que um homem deve ter a pisada grossa, porque é característica do “cabra-macho” – assim designam um verdadeiro homem na região em que habito, a saber, Nordeste –, haja vista que pisada fina, que seria um andar mais leve, mais suave, “é coisa de mulher” (fêmea). E com essa “pisada grossa” a escritora consegue anunciar e intensificar o grau de violência que com o qual o seu leitor terá contato por meio das linhas seguintes de sua escrita, pois de um homem que pisa grosso espera-se, muitas vezes, brutalidade. E é exatamente isso que a autora mostra em seguida como visto acima. Essa expressão representa outra estratégia discursiva usada por Evaristo para evidenciar e declarar a violência sofrida por Lia.

### **Conclusões prováveis e provisórias**

Este artigo mostrou algumas estratégias discursivas utilizadas pela escritora Conceição Evaristo para representar a materialidade da violência sofrida por mulheres negras brasileiras. A partir das análises feitas, pude constatar que, embora cruento, o discurso utilizado pela escritora é coerente na medida em que está conforme as “condições de produção” do mesmo, isto é, um contexto que é resultado de um processo também cruento, a saber, a colonização da qual o Brasil foi vítima.

Assim sendo, os discursos ideológicos racistas, sexistas e classistas produzidos na ocasião do período colonizatório continuam vivos no imaginário social brasileiro e, conseqüentemente, ainda acarretam conseqüências tão cruéis quanto aquelas ocorridas em tal período, como o silenciamento, a inferiorização, o espancamento, o estupro e o assassinato de milhões de mulheres negras, estas representadas pelas personagens Maria e Lia Gabriel, apresentadas neste artigo.

Outrossim, observei que a autora intenciona, com tal discurso, inquietar os leitores de sua obra, direcionando a atenção destes para essa áspera realidade que passa, muitas vezes, despercebida por grande parte da população brasileira, visto que o próprio poder público, que é composto, em sua maior parte, por homens, coloca-se negligente diante de tal problema. Para isso, Evaristo usou uma linguagem bem simples, ou seja, escreveu de forma clara e objetiva aquilo que quis transmitir, o que me leva a pensar que é mais uma estratégia para alcançar o maior número de leitores possível.

A autora, com essas estratégias discursivas – uso de linguagem ríspida, palavras selecionadas minuciosamente, uso de figuras de linguagem e das próprias situações encenadas (que estão ligadas ao nosso cotidiano) –, buscar sensibilizar a nossa sociedade na esperança de que, através da denúncia do triste e duro presente vivenciado por muitas mulheres negras, esta possa sofrer modificações no sentido de mudar essa realidade para um futuro menos desigual e menos violento.

## Referências

- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BUTLER, Judith. Vida precária. *Contemporânea*, São Carlos, n. 1, p. 13-33, jan.-jun./2011.
- CRENSHAW, Kimberlé. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. In: VV.AA. *Cruzamento: raça e gênero*. Brasília: Unifem, 2004. p. 7-16.
- DIMENSTEIN, Gilberto; CIPRO NETO, Pasquale. *Cidadão de papel*. 24. ed. São Paulo: Ática, 2019.
- ENGEL, Cíntia Liara. *Violência contra a mulher*. Rio de Janeiro: Ipea, 2024. Disponível em: [http://www.ipea.gov.br/retrato/pdf/190215\\_tema\\_d\\_a\\_violencia\\_contra\\_mulher.pdf](http://www.ipea.gov.br/retrato/pdf/190215_tema_d_a_violencia_contra_mulher.pdf). Acesso em: 12 mar. 2020.
- EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. 2. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2016a.
- EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.
- FERNANDES, João Azevedo. *De cunhã a mameluca: a mulher Tupinambá e o nascimento do Brasil*. João Pessoa: Ed. UFPB, 2016.
- GIACOMINI, Sonia Maria. *Mulher e escrava: uma introdução histórica ao estudo da mulher negra no Brasil*. Rio de Janeiro: Vozes, 1988.
- GIORDANI, Rosselane Liz. As relações de poder exercidas através do discurso. *BOCC: Biblioteca Online de Ciências da Comunicação*, Covilhã, p. 1-18, 2011.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Pequeno dicionário Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Moderna, 2015.
- MOTT, Maria Lúcia de Barros. A criança escrava na literatura de viagens. São Paulo: *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 31, p. 57-68, 1979.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. Semântica e discurso. In: ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 12. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015.
- PÊCHEUX, Michel. *Les vérités de La Palice*. Maspero: Paris, 1975.
- PERROT, Michele. *Os excluídos da história: operários, mulheres, prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- PORTAL G1. Brasil teve um estupro a cada 10 minutos e um feminicídio a cada 7 horas em 2021. *Portal G1*. 7 mar. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/dia-das-mulheres/noticia/2022/03/07/brasil-teve-um-estupro-a-cada-10-minutos-e-um-feminicidio-a-cada-7-horas-em-2021.ghtml>. Acesso em: 25 maio 2023.
- STAMATTO, Maria Inês Sucupira. Um olhar na história: a mulher na escola (Brasil: 1549 a 1910). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 2., Natal, 2002. *Anais [...]*. Natal: UFRN,

2002. Disponível em: <https://www.tjrj.jus.br/documents/10136/3936242/a-mulher-escola-brasil-colonia.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2019.

TRAVERSO-YÉPEZ, Martha. O discurso e a dimensão simbólica: uma forma de abordagem à Psicologia Social. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 4, n. 1, p. 39-59, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v4n1/a04v04n1.pdf>. Acesso em: 5 maio 2018.

TREVIZAN, Karina. Participação das mulheres no mercado de trabalho segue menor que a dos homens, diz OIT. *Portal G1*. 7 mar. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/participacao-das-mulheres-no-mercado-de-trabalho-segue-menor-que-a-dos-homens-diz-oit.ghtml>. Acesso em: 20 jan. 2020.

Recebido em 11 de janeiro de 2024.

Aprovado em 17 de outubro de 2024.

## **Resumo/Abstract**

### **Representação material da violência contra as mulheres negras a partir da escrita evaristiana**

**Fabiana dos Santos Sousa**

Este artigo é resultado das minhas pesquisas de doutorado, em Materialidades da Literatura, e tem como objetivo analisar os contos *Maria* e *Lia Gabriel*, publicados nos livros *Olhos d'água* e *Insubmissas lágrimas de mulheres*, da escritora Conceição Evaristo (2016, 2016a), com o intuito de apontar estratégias discursivas por ela utilizadas para denotar a representação material da violência (de gênero, raça e classe) sofrida por mulheres negras brasileiras. Adotei como metodologia a pesquisa bibliográfica, porque é um método inicial no desenvolvimento de um estudo investigativo, visto que após a escolha do tema, é necessário realizar a coleta bibliográfica acerca do mesmo, tendo em vista que esta leva a saber se as questões propostas já foram publicadas em outras pesquisas semelhantes e quais teóricos são mais relevantes academicamente para respaldar o assunto em estudo. O trabalho se faz relevante na medida em que promove a expansão do conhecimento cultural oferecido pela literatura evaristiana, contribuindo, dessa forma, para mostrar ao mundo a ríspida realidade vivenciada por milhões de mulheres negras no Brasil e, de modo igual, conscientizar os leitores da negligência governamental diante dessa situação. Para fundamentá-lo, usei as ideias de estudiosas/os como Kimberlé Crenshaw, Judith Butler, Eni Orlandi, Sonia Giacomini, entre outras/os.

**Palavras-chave:** representação da violência, mulheres negras, literatura evaristiana.

### **Material representation of violence against black women from Evaristian writing**

**Fabiana dos Santos Sousa**

This article is the result of my doctoral research in Materialities of Literature and aims to analyze the short stories *Maria* and *Lia Gabriel*, published in the books *Olhos d'água* and *Insubmissas lágrimas*

*de mulheres*, by the writer Conceição Evaristo (2016, 2016a), with the aim of pointing out discursive strategies used by her to denote the material representation of violence (of gender, race and class) suffered by black Brazilian women. I adopted bibliographic research as a methodology because it is an initial method. In the development of an investigative study, after choosing the theme, it is necessary to carry out bibliographic collection about it, considering that this leads to knowing whether the proposed questions have already been published in other similar research and which theorists are most relevant academically to support the subject under study. The work is relevant to the extent that it promotes the expansion of cultural knowledge offered by Evaristian literature, thus contributing to showing the world the harsh reality experienced by millions of black women in Brazil and, at the same time, raising awareness among readers of the government's negligence in this situation. To support this work, I used the ideas of scholars such as Kimberlé Crenshaw, Judith Butler, Eni Orlandi, Sonia Giacomini, among others.

**Keywords:** representation of violence, black women, Evaristian literature.